

PÓS-HUMANISMO

INTERDISCIPLINARIDADE NO CINEMA

CADERNOS DE CRÍTICA VOL. 7

DANIEL SERRAVALLE DE SÁ (org.)



PÓS-HUMANISMO

INTERDISCIPLINARIDADE NO CINEMA
CADERNOS DE CRÍTICA VOL. 7

DANIEL SERRAVALLE DE SÁ (org.)



Florianópolis
2023

FICHA TÉCNICA

Articulistas do volume

Alberto Cupani
Alyne Michelle Botelho
Atilio Butturi Junior
Bianca Scliar
George Alexandre Ayres de Menezes Mousinho
Grazielly Alessandra Baggenstoss
Jéssica Soares Lopes
Lucas Stank
Sabrina Moura Aragão

Equipe Cinema Mundo

Anne Moraes
Clarissa Kellermann de Moraes
Daniel Serravalle de Sá
Emilene Lubianco de Sá

Projeto gráfico, diagramação e revisão

NewT Assessoria Textual

Capa

Ilustração criada por Inteligência Artificial com Adobe Firefly. Prompt utilizado: "Generate a profile image illustrating a posthuman face with seamlessly blended human and machine components. Emphasize integration in the eyes and lips. Specify a sideways profile orientation." Conforme a licença de uso do *software*, os direitos, assim como as responsabilidades éticas e legais, sobre a ilustração são da Adobe.

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da Universidade Federal de Santa Catarina

P855 Pós-humanismo [recurso eletrônico] : interdisciplinaridade no cinema /
organizador, Daniel Serravalle de Sá. — Florianópolis : UFSC, 2023.
80 p. : il.

E-book (PDF)
ISBN 978-85-8328-231-0

1. Cinema. 2. Interdisciplinaridade. I. Sá, Daniel Serravalle de.

CDU: 791.43

Elaborada pela bibliotecária Dênira Remedi — CRB-14/1396

SOBRE O CINEMA MUNDO

Criado em 2012, o projeto de extensão Cinema Mundo opera nos moldes de um cineclube no espaço da Universidade Federal de Santa Catarina. A ação é uma parceria firmada entre o curso de Cinema e a Biblioteca Universitária da instituição. Ao promover quinzenalmente exibições comentadas de filmes, o Cinema Mundo procura estimular o debate crítico de forma horizontal entre os espectadores, sofisticar o olhar da comunidade para a experiência cinematográfica e produzir conhecimento acadêmico, fatores que congregam atividades de extensão, ensino e pesquisa.

A coleção *Cadernos de Crítica*, publicação própria do projeto, é o modo pelo qual podemos difundir o conhecimento produzido para além das fronteiras locais. Editado com base nas curadorias semestrais do Cinema Mundo, cada volume é disponibilizado em formato *e-book* e de forma gratuita no *site* institucional do projeto:

<http://cinemamundo.cce.ufsc.br/publicacoes/>

SOBRE O VOLUME

O presente volume, *Pós-humanismo: interdisciplinaridade no cinema*, é resultante da curadoria do semestre 2023.1, cujo objetivo foi oferecer ao público uma amostragem das vertentes do pós-humanismo no cinema contemporâneo. O conjunto de textos reunidos nesta publicação procura, portanto, refletir sobre o tom e a dicção desse gênero cinematográfico nas primeiras décadas do século XXI.

SUMÁRIO

•• INTRODUÇÃO

Pós-humanismo, transformações tecnológicas e desafios éticos

Daniel Serravalle de Sá6

•• CRIMES DO FUTURO, David Cronenberg, 2022

Saúde, nutrição e alimentação em *Crimes do Futuro*, de David Cronenberg

Alyne Michelle Botelho..... 14

***Crimes do Futuro*, quando o corpo é a realidade**

Bianca Scliar..... 21

•• 37 SEGUNDOS, Hiraki, 2019

A pessoa com deficiência e sua luta por liberdade no filme *37 Segundos*

Lucas Stank..... 30

•• ANIQUILAÇÃO, Alex Garland, 2018

Perversão cromática: o horror do *Brilho em Aniquilação* como iridescência em uma bolha

Jéssica Soares Lopes..... 36

•• CITIES OF LAST THINGS, Wi Ding Ho, 2018

O humano como nostalgia no dispositivo da memória: o sujeito, os objetos e o imperialismo

Atilio Butturi Junior..... 42

***Cities of last things*: vingança e tragédia em um futuro distópico**

Sabrina Moura Aragão 50

•• HIGH LIFE, Claire Denis, 2018

A crise do corpo aprisionado na distopia de *High Life*

George Alexandre Ayres de Menezes Mousinho 56

•• ADVANTAGEOUS, Jennifer Phang, 2015

O exterior de si: como uma vida pode funcionar sem o outro?

Grazielly Alessandra Baggenstoss 65

•• EX MACHINA, Alex Garland, 2014

Um estranho deus na máquina

Alberto Cupani..... 73

•• INTRODUÇÃO

Pós-humanismo, transformações tecnológicas e desafios éticos

Daniel Serravalle de Sá¹

“O homem é a medida de todas as coisas” é uma célebre frase atribuída ao filósofo pré-socrático Protágoras de Abdera (485-415 a.C.), a qual tem sido interpretada na chave da relativização daquilo que se reconhece como a verdade de Deus ou das Leis em detrimento da percepção do sujeito. O significado de tal frase expressa uma valorização da experiência pessoal (individualismo) e da centralidade do ser humano no universo (antropocentrismo), ideias que vão repercutir de diferentes formas e em diferentes momentos históricos nos quadros filosóficos do pensamento ocidental, sendo o Humanismo e o Iluminismo talvez os principais exemplos.

Nesse sentido, conceitos como pós-humano e pós-humanismo seriam, à primeira vista, falaciosos ou contraditórios, pois, se “o homem é a medida de todas as coisas”, como é possível imaginar um *após* humano sem o gênero humano no centro das coisas? Em outras palavras, se ser humano significa ter linguagem e pensamento, autonomia e agência, cultura e arte, sociedade e tecnologia, então, como poderíamos ser *pós* ainda sendo humanos? Os pensadores do pós-humanismo estão cientes desse paradoxo — embora alguns defendam que o ser humano não é mais o que foi há quarenta ou cinquenta anos. Todavia, quando os teóricos falam em pós-humano e pós-humanismo, a ideia subjacente é questionar algumas premissas do humanismo, sem abandoná-lo completamente.

Em seu texto *What is post-humanism?*, Cary Wolfe (2009) explica que a proposta não é negar a centralidade do ser humano nem rejeitar o humanismo, cujos valores e aspirações são admiráveis, mas sim mostrar que há problemas conceituais e éticos no quadro filosófico — e se isso remete o leitor aos métodos e às práticas desconstrucionistas, então, estamos no caminho certo para entender o conceito. Em diálogo com as ideias de Neil Badmington, Wolfe trabalha dentro de uma perspectiva derridiana que busca pensar e modificar o humanismo internamente, até porque pensar de fora é impossível.

Por meio do pós-humanismo, somos convidados a interrogar as fronteiras tradicionais da identidade humana, desafiando as grandes questões éticas, sociais e estéticas estabelecidas durante o humanismo. Tais questões são revisitadas à luz do avanço acelerado das tecnologias emergentes, como a inteligência artificial, a nanotecnologia, a realidade virtual, a engenharia genética, entre outras formas de novas tecnologias que estão alterando a nossa compreensão de mundo e o nosso entendimento sobre o que significa ser humano.

¹ Professor do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da UFSC, atuando nos cursos de Letras e Secretariado Executivo.

No cerne do pós-humanismo está a crença de que os avanços tecnológicos têm o potencial de transformar a condição humana de modo essencial, expandindo nossas capacidades físicas, cognitivas e até mesmo emocionais, a fim de ampliar os limites do que é considerado humano. Enquanto a tecnologia avança rapidamente, nos deparamos com a possibilidade de explorar os limites entre o orgânico e o sintético, melhorar nossos corpos e mentes por meio de próteses biomecânicas, implantes cibernéticos e interfaces neurais.

No entanto, o pós-humanismo também alerta para questões éticas e morais importantes e complexas, pois, à medida que buscamos aprimorar nossas capacidades físicas e mentais, devemos considerar implicações sociais e econômicas, assim como os impactos dessas mudanças na nossa identidade e na nossa relação com os outros. O que acontece com a ideia de igualdade e dignidade humana quando alguns têm acesso a melhorias tecnológicas avançadas enquanto outros são preteridos? Quem terá acesso a essas tecnologias e como garantir uma distribuição isonômica dos benefícios?

Por exemplo, a possibilidade de “edição genética” pode ser vista como uma promessa para a evolução humana, possibilitando o aprimoramento físico por meio da eliminação de doenças hereditárias. Por outro lado, a manipulação do genoma humano pode acarretar bio-determinismos como a perpetuação das desigualdades sociais, os pensamentos eugenistas e a perda da diversidade genética dos seres humanos.

Além disso, o pós-humanismo nos convida a questionar as fronteiras da existência e, embora a busca pela imortalidade possa parecer utópica, a exploração de biotecnologias tem o potencial de estender nossa expectativa de vida. Isso gera questões filosóficas e morais que afetam a percepção de valor do tempo limitado que temos. O desejo de transcender o humano, escapando da morte, é uma fantasia que em última instância reduz a vida a códigos genéticos possíveis de serem combinados, manipulados, compreendidos como variações de códigos digitais — mas, onde está o valor de uma experiência que pode ser vivida indefinidamente?

No campo da inteligência artificial, a confiança em sistemas automatizados para tomar decisões complexas em áreas como saúde, justiça e finanças exige responsabilidade e a transparência dos algoritmos. A singularidade tecnológica — ou o momento em que a inteligência artificial supera a capacidade humana — pode levar a mudanças irreversíveis na forma de uma humanidade tutelada por uma IA sofisticada, autônoma e superinteligente que age por meio de ciências da observação e controle do comportamento.

À medida que a humanidade adentra uma nova era tecnológica, surgem muitas perguntas inquietantes sobre o futuro do nosso próprio ser e, nesse contexto de mudanças sociais profundas, o pós-humanismo suscita questões que transcendem as esferas acadêmicas e os discursos científicos, ocupando a imaginação popular e as narrativas culturais, sendo o cinema uma das principais mídias que se propõem a repensar o humano.

Na virada do século XX, o cinema já expressava preocupações com a tecnologia, como pode ser observado em filmes como *Metropolis* (Fritz Lang, 1927) e *Tempos modernos* (Charles Chaplin, 1935). O filme brasileiro *Abrigo nuclear* (Roberto Pires, 1981) representa um mundo pós-desastre ambiental, no qual os sobreviventes vivem no subsolo sob domínio de um regime ditatorial.² Os cultuados *O exterminador do futuro* (James Cameron, 1984) e *Matrix* (Lana Wachowski e Lilly Wachowski, 1999) imaginam cenários distópicos em que a humanidade corre risco de extinção pelas máquinas. *A mosca* (David Cronenberg, 1987) e *Gattaca* (Andrew Niccol, 1998) alertam para os perigos da manipulação genética. A ideia de um pós-humanismo sombrio é tema recorrente na literatura também, por exemplo, as teletelas espíãs em *1984* (George Orwell, 1949) e a educação pela hipnopédia em *Admirável mundo novo* (Aldous Huxley, 1932) são desenvolvimentos tecnológicos desumanizadores, frutos de uma sociedade fascinada pelo progresso científico e convencida de que pode oferecer a seus cidadãos uma felicidade totalitária.

Nesse sentido, para evitar um futuro de medo, desesperança e angústia, impedindo o esfacelamento das relações socializadoras, é essencial estabelecer limites e diretrizes éticas e garantir que os valores humanos fundamentais sejam incorporados no desenvolvimento e no uso dessas tecnologias. É preciso assegurar que o progresso tecnológico esteja alinhado com os valores de justiça social e equidade, evitando a criação de uma sociedade dividida entre aqueles que têm acesso e aqueles que não têm.

Debates no âmbito dos estudos sobre animais, embora não sejam inerentemente pós-humanos, muitas vezes trazem questões que desafiam as premissas da centralidade do humano. Assuntos como especismo, direito dos animais e antropomorfização da natureza são discussões com as quais os estudiosos do pós-humanismo se identificam, pois elas apontam para aquilo que seria a falha central do projeto humanista, seu assim chamado *excepcionalismo*, ou seja, a crença da superioridade do *Homo sapiens* sobre a Natureza, da qual ele deliberadamente se vê separado.

No livro *When species meet*, Dona Haraway (2008) aborda a questão do excepcionalismo, discutindo as relações complexas entre humanos e animais de estimação (representados por seu cachorro), passando pelos animais de laboratório e até as centenas de milhares de bactérias simbióticas que vivem em nossos intestinos. Haraway observa que temos mais bactérias em nossa flora intestinal do que células no corpo, e provoca: o que é

² A ficção científica é um gênero quase exclusivo dos países industrializados, líderes no desenvolvimento de novas tecnologias, de modo que o filme de Roberto Pires, iniciado na década de 1970 e concluído em 1981, é singular no contexto brasileiro. *Abrigo nuclear* representa um governo tirânico ainda durante a ditadura militar brasileira (1964-1985), abordando questões relacionadas à ecologia e aos riscos da energia nuclear quando a discussão ganhava corpo no Brasil. Posteriormente, Roberto Pires dirigiu *Césio 137, o pesadelo de Goiânia* (1990), filme sobre o maior acidente radioativo da história do país, que se deu a partir da violação de um aparelho de radioterapia ilegalmente jogado em um ferro-velho. O pó azulado (césio-137) dentro da cápsula de chumbo era radioativo e contaminou diretamente centenas de pessoas.

ser humano? A crítica demonstra que os animais de diferentes tipos sempre contribuíram para as práticas humanas, pois o conceito de humano foi moldado a partir dessas inter-relações com o não humano. O argumento central é que somos um emaranhado de espécies, se moldando constantemente em camadas de complexidade mútuas e que é preciso reconhecer os laços que unem os seres humanos a outras espécies, assim como os humanos entre si. Reconhecer nosso lugar dentro desse emaranhado não é passar a ver outras espécies como iguais à nossa, mas aceitar nossas relações de codependência e se a reciprocidade é uma característica definidora do que significa ser humano, então, de certa forma, chegaremos ao pós-humano quando entendermos isso e, enfim, nos tornaremos verdadeiramente uma coletividade de vidas habitando o planeta Terra.

As discussões que oferecemos nesta coletânea abordam interseções entre pós-humanismo e diferentes áreas do conhecimento, trazendo saberes interdisciplinares para o âmbito da crítica cinematográfica. Ao selecionarmos oito filmes para o primeiro semestre de 2023, levando em consideração a temática, o impacto e a capacidade de permanecer em evidência ao longo dos anos, a proposta de curadoria do Cinema Mundo foi refletir sobre os limites e os potenciais do ser humano, o poder transformador da tecnologia, a importância dos valores éticos e as preocupações com o futuro do planeta.

Seguindo o formato dos *Cadernos de Crítica* anteriores, o resultado dos diálogos promovidos nas sessões de exibição dos filmes se materializa nos textos de natureza mais criativa e pessoal deste volume, os quais oferecem a experiência dos encontros e um percurso crítico sobre os filmes discutidos. Agradeço muito a preciosa colaboração dos colegas, sem a qual este volume não existiria.

Alyne Michelle Botelho estabelece paralelos entre a Ciência da Nutrição e as imagens polêmicas de alimentação e digestibilidade apresentadas no filme *Crimes do Futuro* (David Cronenberg, 2022), as quais parecem apontar para o que seria uma evolução distópica da espécie humana. Os equipamentos que o personagem Saul Tenser (Viggo Mortensen) usa para comer e para dormir, o consumo alimentar de produtos sintéticos e resíduos plásticos são relacionados, no campo simbólico, com o aumento de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT), oriundas do excesso de gordura saturada, açúcar e colesterol, efeitos de uma alimentação industrializada. Do consumo de alimentos ultraprocessados até os microplásticos em ambientes marinhos, o filme suscita questionamentos sobre nossas atitudes em relação à produção e ao consumo de produtos e alimentos.

Bianca Scliar destaca a busca por sensorialidades e sentires em *Crimes do Futuro*, que se manifestam em imagens de excessos, ausências e inquietudes humanas em um mundo que aboliu a dor e o prazer. As cirurgias a que se submete Saul Tenser, o artista performático capaz de gerar novos órgãos em seu corpo, simbolizam a dimensão política da arte, como forma de criatividade e de resistência em uma sociedade pós-apocalíptica. O espetáculo visceral de incisões e perfurações da pele, assim como as próteses, tatuagens e cicatrizes são tentativas

(vãs) de reproduzir a autenticidade criativa do *performer*. O corpo sem órgãos, de Antonin Artaud, a craca darwiniana e organismo que se personifica, de Gins e Arakawa, são conceitos que a pesquisadora usa para discutir a redefinição dos limites existenciais e morais, como sugeridos pela perspectiva de Cronenberg.

A partir de sua formação interdisciplinar, Jéssica Soares Lopes desenvolve uma leitura de *Aniquilação* (Alex Garland, 2018), destacando os significados do Brilho ou *the shimmer*, um fenômeno alienígena que provoca mutações genéticas avassaladoras. O navio de Teseu, o *doppelgänger* e o Ouroboros representam conceitualmente o espanto (medo e admiração) dos personagens que entram no Brilho e logo se veem dentro de uma outra ontologia, caracterizada por uma natureza surreal, imprevisível e não classificável dentro da lógica cartesiana. A iridescência, que se caracteriza pela mistura de cores diante dos olhos conforme a incidência da luz, torna-se uma metáfora central para falar sobre a força criativa da matéria, sobre híbridos, cópias e quebra de paradigmas que, de forma pós-humana, estouram a bolha do método racionalista.

Alberto Cupani observa a rede de intrigas e contradições que movimenta *Ex Machina* (Alex Garland, 2014), desde o ultramoderno centro de pesquisas que, embora pareça um hotel, se revela uma prisão subterrânea, passando pela suposta relação de amizade entre os personagens, que exige a assinatura de um termo de confidencialidade, até as respostas evasivas da inteligência artificial Ava (Alicia Vikander). Um quadro de Jackson Pollock serve como ponto de partida para questionar se os seres humanos são geneticamente programados e, se somos, o desafio seria achar uma ação que não seja pré-determinada, como sugere a pintura feita com movimentos impensados. O filme faz refletir sobre a condição humana e, se um dia chegarmos a desenvolver uma inteligência artificial que se pareça conosco na maneira de falar, pensar e agir, deveríamos nos tratar com igualdade.

Grazielly Alessandra Baggenstoss discute *Advantageous* (Jennifer Phang, 2015) a partir da área do Direito, destacando como as personagens femininas são submetidas a pedagogias disciplinadoras que levam à mercantilização e à instrumentalização dos corpos, e nesse sentido o audiovisual expõe tal faceta coerciva da sociedade. Devido às normas prescritivas do sistema sexo-gênero, as subjetivações das mulheres determinam um campo ontológico de legitimidade dos corpos a partir de dimorfismos, binarismos sexuais e códigos de pureza racial. A performatividade ou a repetição dessas práticas dentro de relações sociais impinge à personagem Gwen Koh (Jacqueline Kim) a sujeição do seu corpo à mercantilização, na forma de uma submissão a um procedimento "estético" cujo resultado seria sua morte. A professora aponta que a personagem tem pouca agência diante do cenário se não entregar seu corpo produtivo, visando dar a sua filha mais opções e potencialidades de ação.

Atilio Butturi Junior debate *Cities of last things* (Wi Ding Ho, 2018) sob a ótica da memória nostálgica do personagem Zhang Dong Ling (Jack Kao / Lee Hong-chi), cujo rompimento ontológico com o mundo se manifesta em cenas e imagens de resistência

anti-imperialista, anticolonial e antitecnológica. As intersecções éticas, sociopolíticas, coloniais, ecológicas, raciais são analisadas por um viés neomaterialista dos discursos, no qual se pensa sobre a (intra- e a inter-) ação da linguagem, dos dispositivos e das formas de subjetividade em contextos específicos. Nesse sentido, os aspectos tecnobiodiscursivos do audiovisual malaio podem ser lidos como um estranhamento diante do pós-humano e a busca por um Éden perdido, seja nas lembranças da infância, seja na simples liberdade de fumar.

Sabrina Moura Aragão destaca como o ângulo baixo da câmera nas cenas iniciais de *Cities of last things* refletem a estruturação narrativa *in medias res*, a qual se apresenta em ordem cronológica reversa. A vingança, temática que remonta à Grécia clássica, é o outro elemento que impulsiona a história, capturando a atenção dos espectadores. Na simbiose pós-humana entre corpos e tecnologia, os sinais e as marcas de nascença espelham os *chips* implantados, guiando o público na identificação do personagem à medida que a narrativa retrocede até a sua infância. A professora salienta como a liberdade e o livre-arbítrio, temas centrais à filosofia, é uma das chaves de leitura desse filme, sendo a algema um dos objetos que reaparecem constantemente, prendendo o protagonista a situações que o fazem confrontar suas decisões.

George Alexandre Ayres de Menezes Mousinho discute o universo distópico de *High Life* (Claire Denis, 2018) em termos sociopolíticos e tecno-científicos, debatendo as imagens de corpos submetidos a violências, monitoramentos e manipulações. A desumanização é o preço que os prisioneiros-tripulantes da nave pagam por terem transgredido as leis e os valores morais da sociedade, e a punição é executada pela dra. Dibs (Juliette Binoche), que, por sua vez, incorre em ações não apenas antiéticas, mas de pura crueldade. A discussão é permeada por observações musicais sobre a trilha sonora, a qual varia da desconfortável dissonância à suavidade onírica, contendo ainda choros de bebês e gemidos sexuais. Por meio da música, o pesquisador destaca ainda o processo de transmissão de experiência, conhecimentos e sensações entre os personagens Monte (Robert Pattinson) e Willow (Scarlett Lindsey), pois a última nasceu na nave-prisão e não conhece a Terra.

Lucas Stank discute os efeitos do capacitismo na vida da personagem Yuma Takada (Mei Kayama), do filme *37 Segundos* (Hikari, 2019), refletindo sobre os preconceitos estruturais enfrentados pelas pessoas com deficiência (PcD). O jornalista destaca a construção adequada da personagem, que não supera suas limitações, pois isso seria fantasioso, mas que sai em busca de liberdade para viver suas autodescobertas. O filme da diretora japonesa contém pontos polêmicos e problemáticos, a exemplo das atitudes invasivas, e até abusivas, da mãe, que poderiam ser interpretadas como uma naturalização desse tipo de violência, além das questões de abandono paterno de PcD, questão que fica sem aprofundamento. Lucas Stank enfatiza ainda a importância dos contatos e processos de socialização, pois, como comprovam diversos estudos científicos, as ações de inclusão nos prédios, nos locais de convívio, no transporte público, são benéficas para toda a comunidade.

Aprendemos com os articulistas que pensar o pós-humanismo de uma forma interdisciplinar é adentrar um campo vasto e complexo sobre a natureza humana e como a tecnologia pode ajudar a transformar nossas existências, pois o pós-humanismo não é apenas uma área de estudo acadêmico, mas sim um tema de discussão crucial para moldar o futuro da humanidade. A relação entre humanos e máquinas e a busca pela transcendência dos limites biológicos despertam questões sobre o que é desejável em relação à nossa evolução como espécie, de modo que é preciso refletir sobre as implicações éticas, sociais e filosóficas dessas transformações.

O pós-humanismo é, portanto, um convite para considerarmos cuidadosamente os impactos de nossas ações, buscando equilíbrio entre o avanço tecnológico e a preservação dos princípios que consideramos essenciais para uma sociedade mais justa. Apesar dos diferentes posicionamentos sobre as interações entre seres humanos e tecnologia, o cerne da questão é o futuro da humanidade em vista das possibilidades emergentes. Em vez de encarar a tecnologia como algo à parte, assim como fazemos com a Natureza, a mudança de paradigma é reconhecer sua integração com nossa existência, examinando as influências mútuas. Sob tal perspectiva, o pós-humanismo apresenta um potencial transformador significativo, abrindo caminho para um futuro repleto de possibilidades.

Em última instância, o pós-humanismo representa uma oportunidade emocionante e desafiadora para a humanidade, nos convidando para a expandir fronteiras e a construir um mundo que seja verdadeiramente humano e aberto às possibilidades oferecidas pela tecnologia. Se trilharmos um bom caminho nessa jornada, podemos moldar um futuro que promova a plenitude e a igualdade em um mundo sustentável. A percepção sobre nós mesmos, como seres individuais e sociais, pode se expandir permitindo uma diversidade de manifestações e experiências que vão além dos limites da biologia. Isso nos convida a adotar uma visão mais inclusiva e aberta de como definimos a humanidade, celebrando a diversidade e reconhecendo que a identidade humana é fluida e multifacetada. À medida que a tecnologia avança, surge a oportunidade de superar desafios globais, como a fome, a pobreza, as doenças e as mudanças climáticas, e a aplicação da tecnologia para resolver esses problemas urgentes pode levar a uma sociedade mais sustentável, equitativa e próspera.

O pós-humanismo é uma chamada para ação, uma chamada para imaginar e criar um futuro que transcenda nossas limitações atuais e nos guie em direção a uma nova era de possibilidades. Isso requer um diálogo aberto e inclusivo, que envolva não apenas especialistas, mas também a participação de indivíduos de diferentes origens e perspectivas. Somente por meio desse engajamento coletivo poderemos moldar um futuro no qual a tecnologia seja uma ferramenta para aprimorar a condição humana, promovendo valores como justiça, equidade e dignidade.

Referências

- A MOSCA. Direção: David Cronenberg. Produção: Brookfilms. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1987.
- ABRIGO nuclear. Direção: Roberto Pires. Produção: Roberto Pires, Alecy Araujo. Brasil: 1981.
- GATTACA. Direção: Andrew Niccol. Produção: Jersey Films. Estados Unidos: Columbia Pictures, 1998.
- HARAWAY, D. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.
- HUXLEY, A. *Admirável mundo novo*. Trad. Vidal de Oliveira. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.
- MATRIX. Direção: Lana Wachowski e Lilly Wachowski. Produção: Warner Bros. Estados Unidos: Warner Bros Pictures, 1999.
- METROPOLIS. Direção: Fritz Lang. Produção: UFA. Alemanha: Parufamet, 1927.
- O EXTERMINADOR do futuro. Direção: James Cameron; Produção: Hemdale / Pacific Western. Estados Unidos: Orion Pictures, 1984.
- ORWELL, G. *1984*. Trad. Heloisa Jahn, Alexandre Hubner. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- TEMPOS modernos. Direção: Charles Chaplin. Produção: United Artists. Estados Unidos, 1935.
- WOLFE, C. *What is post-humanism?* Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.